

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 32 No. 2 2019 Edição Especial: Museu Nacional (Volume 1)

ARTIGO

MATERIAIS E FLUXOS NA AMAZÔNIA COLONIAL: EVIDÊNCIAS DA PRESENÇA DE AFRICANOS ESCRAVIZADOS NO SÍTIO ALDEIA (SANTARÉM, PARÁ)

Tiago Silva Alves Muniz*

RESUMO

O estudo da materialidade pode revelar aspectos sociais e econômicos relacionados à arqueologia da etnicidade quando situado em seu contexto histórico. Nesse sentido, escolhas tecnológicas, decorações plásticas aplicadas à cerâmica utilitária, vasilhames do tipo “*monkey jars*” e a interpretação das demais categorias materiais evidenciam um contexto relacionado ao fluxo de materiais na região de Santarém (Pará) durante os séculos XVIII e XIX. Tais fluxos demonstraram, além dos indígenas, a presença de africanos escravizados na Amazônia Colonial. O objetivo deste trabalho é abordar o contexto da Diáspora Africana com dados sobre zonas de captura, taxas de embarque e reembarque e elementos da cultura material capazes de revelar a agência dessas pessoas sujeitas à diferença colonial.

Palavras-chave: Cultura Material; Arqueologia Histórica; Arqueologia da Etnicidade.

*Arqueólogo, pesquisador visitante no Departamento de Ciências Culturais, Linnaeus University; Doutorando em Antropologia (Arqueologia), UFPA. E-mail: tiago_samuniz@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1075-5488>.

DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v32i2.690>

MATERIALS AND FLOWS IN THE COLONIAL AMAZON:
EVIDENCE OF THE PRESENCE OF ENSLAVED AFRICANS IN
THE ALDEIA SITE (SANTARÉM, PARÁ)

ABSTRACT

The study of materiality may reveal social and economic aspects related to the archeology of ethnicity when situated in its historical context. In this sense, the technological choices and plastic decorations applied to utilitarian ceramics, “monkey jars” containers, and the interpretation of other material categories show a context related to the flow of materials in the Santarém (Pará) region during the 18th and 19th centuries. These flows demonstrated, besides the presence of indigenous people, the enslaved Africans in the Colonial Amazon. The objective of this paper is to discuss the context of the African Diaspora with data on catch zones, boarding and reloading rates and elements of the material culture capable of revealing the agency of these people subject to the colonial difference.

Keywords: Material Culture; Historical Archeology; Archeology of Ethnicity.

MATERIALES Y FLUJOS EN LA AMAZONIA COLONIAL:
EVIDENCIAS DE LA PRESENCIA DE AFRICANOS ESCLAVIZADOS EN
EL SÍTIO ALDEA (SANTARÉM, PARÁ)

RESUMEN

El estudio de la materialidad puede revelar aspectos sociales y económicos relacionados con la arqueología de la etnicidad cuando está situada en su contexto histórico. En este sentido, opciones tecnológicas las decoraciones plásticas aplicadas a la cerámica utilitaria, envases del tipo “*monkey jars*”, y la interpretación de otras categorías materiales evidencian un contexto relacionado al flujo de materiales en la región Santarém (Pará) durante los siglos XVIII y XIX. Tales flujos demostraron, además de los indígenas, la presencia de africanos esclavizados en la Amazonia Colonial. El objetivo de este trabajo es abordar el contexto de la diáspora africana con datos sobre zonas de captura, tasas de embarque y reembarque y elementos de la cultura material capaces de revelar agencia de esas personas sujetas a la diferencia colonial.

Palabras clave: Cultura Material; Arqueología Histórica; Arqueología de la Etnicidad.

“A escrava capturou-me!
 (...) *Ai! Quanto mal eu julgava!*
Ai! Quanto insensato sou!
Se o fado a tornou escrava,
Escravo. – Amor – que tornou;
Eu constante lhe obedeço,
Seu amor não lhe mereço,
Não mereço a sua fé...
Eu só vivo quando a vejo,
Delinho com tal desejo
Que criminoso não he

Pois o captivo seu
E’ mui diferente do meu;
E’ propicia sua Estrella
A minha traz dissaberes
Se nella imperan Senhores
Em mim impera só ella.

(...)”

AUTOR DESCONHECIDO
 (O BEIJA-FLOR, 1851: 3-4)

INTRODUÇÃO

O trecho da poesia acima revela uma situação de escravidão em meados do século XIX no Estado do Pará, publicado no Jornal O Beija-flor (1851: 3-4). Nessa escrita, intitulada “A escrava capturou-me”, o trovador, com requintes de dominação colonial, mostra com ar de cronista oitocentista o seu “fascínio pela escrava a quem o destino fadou a bela huri com tal posição”. Através de tal relato, e outros que serão aqui apresentados, revela-se a presença de escravos na Amazônia Colonial, cujo cotidiano é retratado em notícias, documentos e na cultura material. Desse modo, o presente artigo visa, através de análise da cultura material, de informações provenientes de contexto arqueológico do Sítio Aldeia (Santarém, Pará), e de levantamento documental com pesquisas em arquivos públicos de Belém, adicionar informações à bibliografia escravista na Amazônia bem como à própria Arqueologia Histórica da Amazônia.

Na região de Santarém, a presença de africanos escravizados se deu principalmente durante o Ciclo de Drogas do Sertão na Amazônia, no século XVII, e Ciclo do Cacau, no século XVIII (COSTA, 2016: 79). Esses eventos reverberam hoje em cerca de nove mil comunidades remanescentes de quilombo na Amazônia, sendo que no estado do Pará são mais de 400 comunidades reconhecidas e registradas, estando a maioria delas no entorno de Belém, nordeste do Pará, zona guajarina, Marajó e Baixo Amazonas (COSTA, 2016: 81).

A Arqueologia Histórica na Amazônia ainda é um campo em expansão. O levantamento de pesquisas nessa área aponta para abordagens dentro de apenas quatro temas: militar - 30%; urbano - 25%; religioso - 25%; e rural - 20% (COSTA, 2017: 13). Desse modo, urge a necessidade de novas pesquisas e perspectivas de trabalho que analisem o componente histórico para além da abordagem arquitetônica. Por isso, neste trabalho, pretendo analisar, a partir de informações bibliográficas e estudos de cultura material, os fluxos de materiais e as identidades materializadas no contexto colonial do Baixo Amazonas.

Nesse contexto, Muniz e Gomes (2017) revelaram, ao lado dos atributos indígenas, a presença de africanos, através de estudo da cerâmica doméstica do sítio Aldeia (Santarém, PA), que se constitui como um produto de trocas e relações entre portugueses, luso-brasileiros, indígenas, mestiços e, em menor escala, africanos. Conforme destacam Gomes e Schwarcz (2018: 106): “a Amazônia é sem dúvida a área escravista menos conhecida no Brasil”. Tais autores destacam ainda que a entrada de africanos e negros na Amazônia, através da atuação da Coroa Portuguesa, se deu na Capitania do Rio Negro e nas Docas do Ver-o-Peso em Belém; entretanto, tal atividade não ocorreu somente devido à atuação de portugueses, mas também de colonos ingleses, irlandeses, franceses

e holandeses – em especial estes dois últimos, os quais utilizavam cativos africanos em suas plantações e entrepostos (GOMES & SCHWARCZ, 2018).

CONTEXTO HISTÓRICO: EVIDENCIANDO A PRESENÇA DE AFRICANOS ESCRAVIZADOS NA REGIÃO DO BAIXO AMAZONAS

No século XVII, enquanto a *plantation* de cana-de-açúcar e a mineração causavam grande vulto na Colônia, na Região Norte estas atividades eram praticamente inexistentes. Apenas o cultivo de arroz e algodão se mostravam como atividades promissoras localmente, ao mesmo tempo em que o cacau e cravo, abundantes na região, eram extraídos por escravos indígenas (SALLES, 1971: 5). O uso de escravos indígenas gerava um lucro de cerca de 400% para a administração da Fazenda Real da Colônia, segundo dados de 1682 (SALLES, 1971: 14). Entretanto, nas décadas iniciais do século XVIII, o “tráfico vermelho” estava em declínio, devido à proibição da escravidão indígena em meados do século XVIII, a partir da atuação de Mendonça Furtado obedecendo às políticas pombalinas para a integração dos indígenas à civilização (SALLES, 1971: 25-26).

Com a proibição do uso de escravos indígenas, observa-se a crescente chegada de africanos escravizados na Região Norte. Salles (1971: 27-43) destaca que a entrada de africanos escravizados no Pará se deu a partir de cinco modalidades: a) *assento*: alistamento compulsório de negros cativos na África mediante contrato de particulares diretamente com a Fazenda Real durante os séculos XVII e XVIII; b) *estaque* ou *estanco*: tráfico realizado por companhias de comércio; c) *iniciativa particular*: comércio irregular realizado durante todo o período de tráfico; d) *contrabando*: chatinamento sem muitas informações; e) *comércio interno*: comércio ativo em praças da Colônia, com monopólio de Rio de Janeiro e Bahia.

Em 1849, o censo de Santarém contabilizou 3.883 africanos escravizados; entretanto, esse dado pode ser considerado como discrepante, pois ocultar a existência de escravos, em pelo menos metade, era prática generalizada para sonegação dos impostos entre o escravismo paraense (SALLES, 1971: 71-72). Ademais, nesse mesmo censo, houve uma diminuição percentual de escravos em Belém em relação ao censo de 1822, caindo de quase metade da população para cerca de um terço, devido à evasão para os mocambos após os sucessos da Cabanagem (SALLES, 1971: 72). Segundo Vergolino-Henry e Figueiredo (1990: 27):

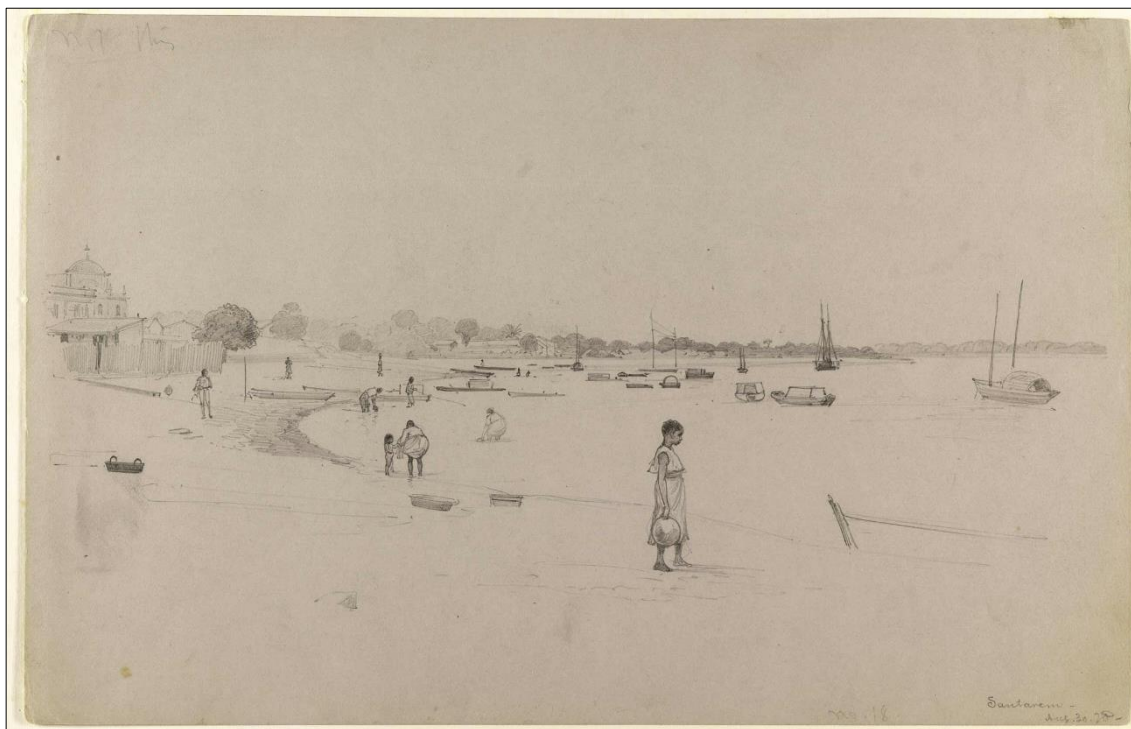
Por que a Amazônia foi tão pouco investigada? Talvez porque, durante muito tempo, não se relativizou a razão histórica-econômica que sustentava a tese de que a presença do negro na região fora inexpressiva porque o ciclo das drogas do sertão havia repousado sobre a mão-de-obra indígena. Uma razão que refletiu o viés de um modelo de historiografia brasileira que não aprofundou a análise dos diferentes empreendimentos agrários (lavoura do arroz e da cana) entre outras atividades (obras de fortificação militar) desenvolvidas na área no decorrer do século XVIII, e nas quais a participação da mão-de-obra escrava foi essencial. Ou ainda, que tentou explicar a Amazônia à luz de um modelo traçado a partir da sociedade escravocrata do Nordeste. Nesse sentido, à proporção que a lavoura da cana não se organizou e portanto não se enquadrou no esquema da *plantation* açucareira, o negro se tornou um elemento ausente na construção da sociedade amazônica [grifo do autor].

Jornais nortistas, durante o século XIX, retrataram a sociedade escravista da época. Eram comuns notas sobre compra de escravos e anúncios de recompensa para recuperar cativos fugidos. Em Manaus, “A Voz do Amazonas”, em 1827, noticiou a entrada de um navio com escravos e, já nos anos de 1840, deu destaque para recompensas de fugas de Cosma, uma “crioula preta fugida” para o Marajó, e do “preto Bernardo”, em 1842 (A VOZ DO AMAZONAS, 1842). Os anúncios de recompensas são veiculados de forma

repetida ao longo dos meses, e, em 1843, destacam-se os anúncios de: “Maria Lima, molata de 18 annos (...)”; “Silverio Jacinto, pardo (...) e João Grisostimo, preto baixo cheio de corpo” (A VOZ DO AMAZONAS, 1843a); “Jeanna, preta, crioula de 35 annos” (A VOZ DO AMAZONAS, 1843b), “mulato de nome Martiniano de 10 annos” (A VOZ DO AMAZONAS, 1843c) e “um preto escravo de nome José de 28 annos” (A VOZ DO AMAZONAS, 1843d). Nesses anúncios um recado se faz constante: “protesta-se contra quem lhe der coito”. Em 1844, destaca-se um aviso de compra para “huma preta que seja moça” (A VOZ DO AMAZONAS, 1844).

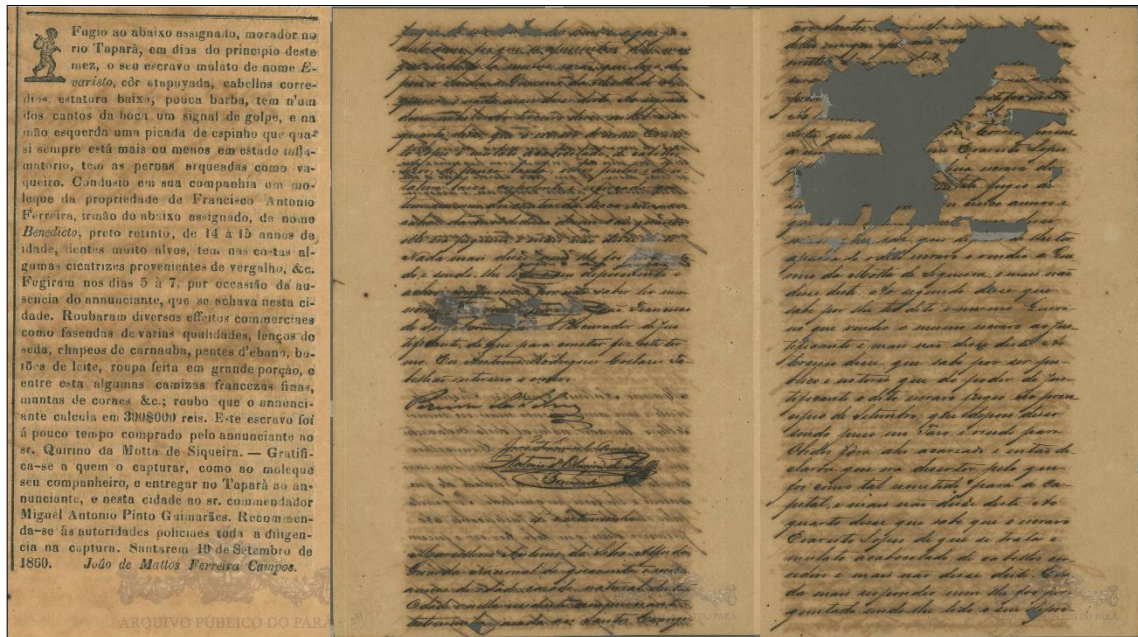
Em Santarém, relatos de cronistas e viajantes retrataram cenas do cotidiano da vila. James Wells Champney (1860) chama a atenção para a participação da população negra durante o Ciclo da Borracha (Figura 01). Henry Bates informa que Óbidos e Santarém haviam recebido, nos últimos oitenta anos, uma considerável importação de escravos negros (BATES, 1863: 238).

Figura 1 - “Fazendo borracha” de James Wells Champney. Vemos no desenho uma pessoa negra com uma bolota de látex na mão direita, cenas do cotidiano em segundo plano (homens pescando, mulher dando banho em criança, e outra mulher lavando roupa) e a Igreja Matriz de Santarém ao fundo. Fonte: Champney (1860).



As evidências sobre a presença de africanos escravizados em jornais da época estão em geral associadas a notas de fuga. A fuga de escravos e anúncio de recompensa por cativos fugidos foram retratados, em 1860, pelo jornal “Monarchista Santareno”. Inicialmente o escravo fugido, Evaristo Lopes, foi retratado em anúncio como de “côr atapuyada” (Figura 2a). Já nos documentos que atestam sua captura no município de Faro, vindo de Óbidos em 1860, o descreveram como “mulato acabocolado” (Figuras 2b, 2c). A sua fuga se deu em companhia do escravo “Benedito, preto retinto” (Figura 2a).

Figura 2 - Notícia de fuga de escravos Evaristo e Benedito (MONARCHSITA SANTARENO, 1860) - esquerda; Documento judicial com relato de captura de Evaristo Lopes (ARQUIVO PÚBLICO DO PARÁ, 1860) - centro, direita.



O jornal “O Baixo Amazonas”, no ano de 1872, anuncia a produção e venda de tabaco produzido no Engenho Taperinha, com uso de mão-de-obra escrava de africanos, e, na mesma edição, de 06 de julho de 1872, oferece recompensa pelo “escravo Gervasio (...) fugido do Alto Tapajós” (O BAIXO AMAZONAS, 1872a). Notícias de fuga em jornais tornaram-se comuns em periódicos da época e, ainda no ano de 1872, em 05 de outubro, o mesmo Engenho Taperinha é destaque ao prometer gratificação para recuperar os escravos:

Gerinaldo – mulato, natural desta cidade, de 16 a 18 annos de idade, cosinheiro, muito fallante e desembaraçado.

Luiz – carafuz, como vulgarmente se trata neste lugar curiboculo (por ser filho de tapuio) natural desta cidade, de 20 a 22 annos de idade, apto para serviço no campo, em que sempre esteve empregado.

Estes escravos fugirão em companhia, do tapuio José Miguel, agregado do dito engenho, cujos signaes são estes: - idade 20 annos pouco mais ou menos, baixo e grosso, completamente gago, natural da villa de Melgaço, para onde de suppoem ter seguido com os dois escravos acima. (O BAIXO AMAZONAS, 1872b),

O jornal “O Baixo Amazonas” descreve ainda o perfil agrícola da região e via como positiva a recente migração estrangeira, principalmente de estadunidenses, que recebia com entusiasmo devido ao interesse comercial voltado para os produtos regionais, destacando: “o peixe, o cacao, que engrandecem os lugares do Tapajoz, mais a cana, o café, o tabaco, o milho, o arroz, o algodão, a gomme elástica, o guaraná, a salsa, e tantos outros gêneros de commercio, que muito poden engrandecer a agricultura entre nós” (O BAIXO AMAZONAS, 1872c). A publicação de notas diversas tinha espaço n’O Baixo Amazonas na coluna “Um pouco de tudo”, na qual crônicas e até mesmo poesias escravistas foram publicadas à época:

Clara, morena e trigueiras

*Em sua primeira idade a mulher é a primavera;
mas, em geral, a mulher clara é o inverno, a morena o estio, a trigueira o outono.
A clara é a neve, a morena o calor natural, a trigueira o fogo.
A clara é agradável, a morena graciosa, a trigueira engraçada.
A clara é formosa, a morena bonita, a trigueira bela.
A clara tem feitiços, a morena graças, a trigueira atractivos.
A clara é a poesia, a morena a doçura, a trigueira a bondade.
A clara causa o desejo da admiração, a morena o da possessão, a trigueira do agrado.
A clara tem olhos azuis, a morena castanhos, a trigueira negros.
O coração da clara move-se, o da morena bate, o da trigueira de donaire.
O amor da clara commove, o da morena subjuga, o da trigueira enamora.
AUTOR DESCONHECIDO (O BAIXO AMAZONAS, 1872d).*

Nota-se a característica miscigenada da sociedade santarena à época e também seu perfil extremamente hierarquizado na noção de raça e gênero, em que a mulher branca é equiparada à cultura, a mulher miscigenada, comparada à natureza, e a negra (trigueira), instrumentalizada ao bel-prazer do escritor. De tal modo, os jornais oitocentistas se encarregam de representar a sociedade na Amazônia colonial. Entretanto, em 1876, Rufino Luis Tavares (1876) apresentou no censo de Santarém um baixo número de cativos.

Segundo o mais moderno recenseamento, o que me consta ter servido de base aos trabalhos estatísticos da respectiva directoria na corte, a população [de Santarém] é de 2.304 almas, sendo 1.120 indivíduos do sexo masculino e 1.184 do sexo feminino; são livres 1.837, escravos 467. A de toda comarca é orçada em 20.000 habitantes, o que me parece afastar-se muito da realidade (TAVARES, 1876:12).

De tal maneira, a presença africana na região foi reconhecida por diversos cronistas e viajantes que passaram por Santarém e retrataram não só a participação deles nos sistemas agrícolas, como também suas condições de trabalho na cidade. Brown e Lidstone (1878: 114), ao navegarem pela orla de Santarém, destacaram a presença de escravos que trabalhavam segundo a jornada de aluguel aos domingos. À época já era proibido por lei que o trabalho escravo fosse realizado aos domingos. Assim, atuando como “escravo de ganho” na cidade, esses escravos já estariam juntando a quantia para compra de sua alforria. Por ocasião, no mesmo ano da publicação de Brown e Lidstone (1878), há um anúncio de jornal solicitando o “aluguel de um rapaz” (O BAIXO AMAZONAS, 1878).

Nesse cenário, é possível cada vez mais deslindar a participação de negros na construção da sociedade amazônica e de suas práticas culturais. Sanches de Frias (FRIAS, 1883: 137) retratou ainda a forma de celebração do boi-bumbá nas adjacências de Santarém: “O bombá, celebrado pela gente de côr, em plena cidade do Pará, parece-me representar uma cerimônia gentílica, importada pelos pretos africanos” (Figura 03).

Figura 3 - Forma de celebração do Bombá (FRIAS, 1883: 138).

Vergolino-Henry e Figueiredo (1990:31) apontam que recolocar a história dos negros na Amazônia é duvidar da noção de vazio humano, ou no caso, a presença africana, como se caracterizou na região. Segundo aqui demonstrado, as fugas da escrava Cosma, de Manaus para o Marajó (A VOZ DO AMAZONAS, 1842), e do escravo Evaristo de Almeirim pra Óbidos (ARQUIVO PÚBLICO DO PARÁ, 1860), nos faz refletir sobre os fluxos e longas distâncias percorridas por escravos fugidos na “Amazônia Negra”.

Cabe destacar que, mesmo entre os Waiãpi – indígenas situados na região de fronteira com a Guiana Francesa (Oiapoque, Amapá) –, pessoas pretas e seus descendentes do Tapajós foram reconhecidas em narrativas orais sobre fluxos para a região (GALLOIS, 1994 *apud* GOMES & GLEDHILL, 2002). Queiroz e Gomes (2002:28) apontaram que o fluxo de fugas de escravos de Caiena em direção ao Pará e vice-versa era comum durante os anos setecentistas, destacando ainda que “o Pará possuía um número muito avultado de mocambos em comparação com sua pequena população escrava” (QUEIROZ & GOMES, 2002:39).

Segundo Gomes (1997: 67), mocambos e quilombos ocorreram em quase toda Amazônia Colonial, alcançando as capitânicas do Grão-Pará e do Rio Negro, com destaque para as áreas do Amapá (Macapá e Mazagão), Santarém (Trombetas, Alenquer, Óbidos, Monte Alegre), Tocantins (Aeiros, Cametá, Abaeté, Mocajuba), Belém e imediações (Guamá, Cotijuba, Mosqueiro, Vigia, rio Acará, rio Capim e Beja), Marajó (Joanes, Soure, Caviana, Mexiana, Arari, Chaves), trajeto para o Maranhão (Bragança e Ourém) e outras áreas e vilas dispersas ao centro e Oeste da Amazônia ao longo dos rios Tapajós, Negro, Solimões, Xingu e Madeira (Barcelos, Ega, Faro, Cintra, Boim). Gomes (1997:58-61) apresenta casos de fugas de escravos na região de Santarém e a existência de um importante quilombo/mocambo no Curuá em 1797.

A participação da população escrava de índios e miscigenados no movimento insurgente da Cabanagem teve destaque no Baixo Amazonas, com reconhecimento de lideranças negras comandando tropas de cabanos em Santarém, no ano de 1836

(ACEVEDO MARIN & CASTRO, 1998). Gomes (1997: 71) apresenta notícias de índios “amocambados” no Baixo Amazonas, assim como relatos de relações de solidariedade, proteção e conflitos entre quilombolas e indígenas, destacando a presença de um grande mocambo em 1867 com 130 pessoas “além dos índios que estão no meio dos pretos” (GOMES, 1997: 92). Entretanto, cabe destacar que, após a queda dos cabanos, foi apenas durante o século XIX, com a participação da população negra durante o Ciclo da Borracha (1850-1920), que uma pequena ascensão social chegou a estas comunidades na Amazônia (SALLES, 1971).

SITUANDO OS AFRICANOS ESCRAVIZADOS NA AMAZÔNIA COLONIAL

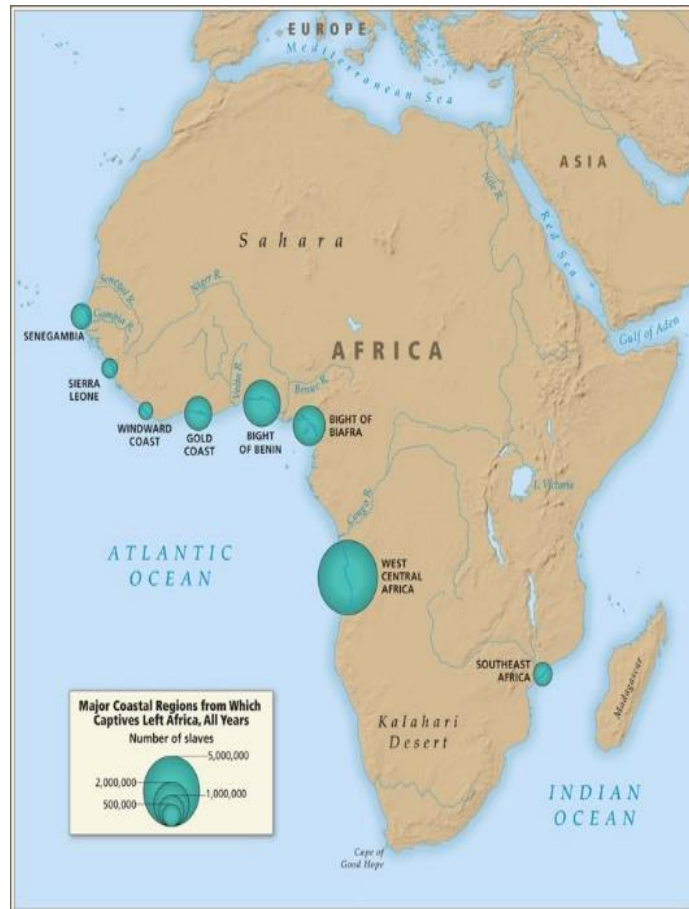
Dados atualizados sobre a presença de africanos escravizados na Amazônia apontam registros de desembarques de 142.231 indivíduos, com número de embarcados na África igual a 162.701 pessoas, segundo informações do *Trans-Atlantic Slave Trade Database* (2019a). A tabela a seguir apresenta os dados para os africanos escravizados desembarcados no Pará a partir de seu local de embarque, totalizando 41.525 pessoas, entre as quais 44,78% vieram da África Ocidental, com portos de embarque situados na Senegâmbia, Benin e Guiné; 51,91% vindos da África Central; 0,66% da região Sudeste da África e 2,66% de outra região da África (Tabela 1). Desse modo, observa-se que a região de embarque de escravos na África Ocidental esteve ativa tal como a África Central durante o século XVIII para o estado do Pará, enquanto na África Central o tráfico transatlântico permaneceu até meados do século XIX de maneira oficial.

Tabela 1 - Números referentes ao do tráfico transatlântico entre África e Pará em ordem cronológica (*Trans-Atlantic Slave Trade Database*, 2019b).

Faixa de ano	Senegâmbia e <i>off-shore</i> Atlântico	Cabo de Benin	Cabo de Biafra e Golfo da Guiné	África Centro- Ocidental e St. Helena	Sudeste da África e ilhas do Oceano Índico	Outra região da África	Totais
1661-1670	0	0	0	0	0	0	0
1671-1680	600	0	0	0	0	0	600
1751-1760	1.762	0	0	1.587	0	284	3.633
1761-1770	3.587	0	0	2.981	0	0	6.568
1771-1780	5.813	0	0	2.067	0	0	7.880
1781-1790	2.104	0	0	336	0	336	2.776
1791-1800	1.036	328	0	4.979	0	324	6.667
1801-1810	1.870	0	264	5.600	272	0	8.006
1811-1820	574	0	160	2.951	0	0	3.685
1821-1830	376	0	0	547	0	160	1.083
1831-1840	0	0	0	507	0	0	507
1841-1850	120	0	0	0	0	0	120
Totais	17.842	328	424	21.555	272	1.104	41.525
%	42,97%	0,79%	1,02%	51,91%	0,66%	2,66%	100%

Destarte, a zona que vai do nordeste da atual Angola ao Sul da República Democrática do Congo, na África Central, se configura durante o século XIX como a principal região de captura de escravos, conforme dados do *Trans-Atlantic Slave Trade Database* (Figura 4).

Figura 4 - Principais regiões de captura de escravos
(*Trans-Atlantic Slave Trade Database, 2019*).



Registros de outros fluxos de escravos na Amazônia podem também ser acessados no banco de dados supracitado (*Trans-Atlantic Slave Trade Database, 2019b*). Tais dados apresentam o fluxo de escravos a partir de portos na Amazônia, totalizando 292 indivíduos embarcados e 282 desembarcados destinados a portos no Caribe, Amazônia e Pernambuco, onde respectivamente chegaram 166, 113 e 3 africanos escravizados. Trata-se de dados ainda diminutos, tendo em vista a escassez de fontes históricas sobre a presença negra na Amazônia, entretanto tais informações revelam a presença de comércio intra-americano de escravos africanos com participação da Amazônia para o Caribe.

FLUXOS DE MATERIAIS E PESSOAS

O Sítio Aldeia (Santarém, Pará) é um sítio urbano multicomponencial, de grandes dimensões (120 ha), escavado por Denise Gomes entre os anos de 2006 e 2014, que, além de duas ocupações pré-coloniais, apresenta concentrações de vestígios históricos dos séculos XVIII e XIX. Essas concentrações estão geralmente associadas a lixeiras arqueológicas, que consistem em estruturas intencionalmente cavadas contendo materiais diversos, tais como, cachimbos, vidros, moedas, louças, pederneiras, cerâmica pré-histórica e cerâmica histórica¹ (Figura 5).

¹ Todo esse material encontrava-se acondicionado no Museu Nacional/RJ, na ocasião do incêndio.

Figura 5 - Perfil da unidade 8 de escavação, face Oeste, que apresenta uma lixeira histórica – Sítio Aldeia, Santarém, Pará (Foto: Denise Gomes).



Os 385 fragmentos cerâmicos que compõem a amostra estudada foram analisados de acordo com seus atributos tecnológicos, decorativos e formais, sendo possível classificá-los em dois grupos: cerâmica acordelada (249 fragmentos) e cerâmica torneada (136 fragmentos). As formas cerâmicas identificadas foram classificadas em 18 tipos, sendo agrupados de acordo com as respectivas técnicas de manufatura: 11 tipos acordelados (tipo A) e 7 torneados (tipo T), conforme apresentado em publicação anterior (MUNIZ & GOMES, 2017). Dentre os fragmentos de louças encontrados, foi identificado o número mínimo de peças (NMP) referente a 167 itens, distribuídos entre as cinco unidades analisadas (U1 = 8; U2 = 9; U4 = 39; U8 = 67; U14 = 44).

Ademais, outros elementos como vidros, garrafas de grés, moedas históricas e pederneiras também foram encontrados (Figura 6). Dentre os vidros, destaca-se a presença de um frasco com a inscrição “Rio de Janeiro”, o que evidencia o fluxo de coisas e pessoas pela Colônia.

Figura 6 - Diferentes categorias de materiais históricos do Sítio Aldeia. A) Vidro de tinteiro; B) Garrafa com inscrição "Rio de Janeiro"; C) Tampa de frasco de perfume; D) Garrafa de grés; E) Moeda do século XIX e; F) Pederneira e fragmentos líticos produzidos localmente (Fotos: A, C, F: Tiago Muniz; B, D, E: Wagner Souza e Silva).

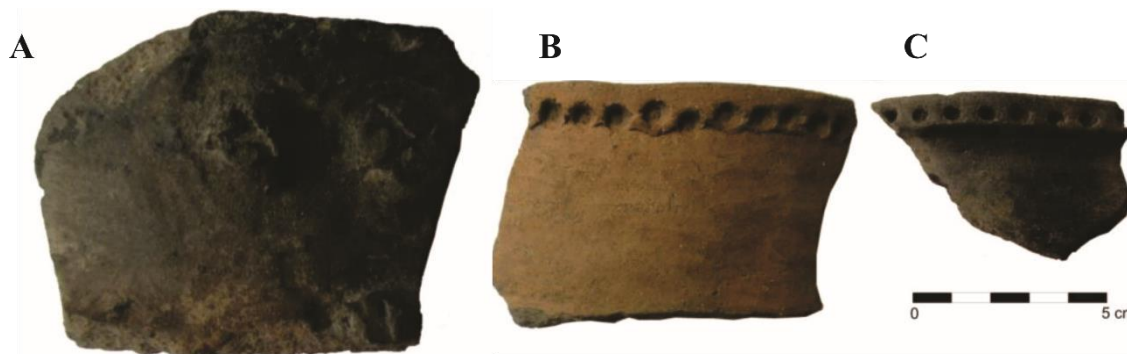


A partir da análise de tais fluxos, o cotidiano e a sociabilidade da Amazônia Colonial serão aqui discutidos. Conforme já mencionado, a materialidade e a abordagem contextual apontam para expressivo cenário de africanos escravizados na região. Desse modo, investigar esses fluxos de materiais é refletir conforme Tim Ingold (2012) e pensar nos materiais não como objetos, mas sim como coisas que possuem fluxos que se entrelaçam. Nessa teia ou emaranhado, identidades pretas e miscigenadas, sujeitas à diferença colonial, são as protagonistas.

Na Amazônia, a chegada de africanos escravizados se deu em menor escala se comparado a outras regiões, entretanto materiais similares puderam ser encontrados em unidades escavadas no Sítio Aldeia. De tal maneira, Symanski e Gomes (2012, 2015) evidenciaram o contexto miscigenado desse sítio, a partir da cultura material (louças e cerâmicas) encontrada em espaços domésticos economicamente segregados, que expressa identidades coloniais marcadas pela persistência de práticas indígenas. Expandindo as análises dos materiais encontrados nesse contexto, Muniz e Gomes (2017) identificaram a constituição de novas identidades regionais através da análise da cultura material. Entre os artefatos cerâmicos analisados, chama atenção a decoração plástica aplicada à cerâmica de uso doméstico (Figura 7).

Na figura 07-A, vemos a expressão do Cosmograma BaKongo na forma de cruzes inclinadas, e nas figuras 07-B e 07-C observa-se o uso de contas de vidro para aplique de filete próximo à borda como formas de persistência em contexto de novas configurações sociais e identitárias. Trata-se, nesse caso, de uma ressignificação local do modo de fazer cerâmica histórica. Desse modo, mensagens não verbais podem ser transmitidas a partir da comunicação visual de tais atributos cerâmicos, os quais podem conferir relações, alianças e estratégias de resistência em contexto colonial. Lima *et al.* (2014) apontam ainda que entre os BaKongo é comum a escolha por elementos refletivos, para adornar os corpos e permitir uma visão além do mundo material.

Figura 7 - Cerâmicas com decoração plástica – A) Presença de cruces inclinadas – identificadas como Cosmograma BaKongo; B e C) Resignificação de filete aplicado próximo à borda com uso de contas de vidro – evidenciadas pela impressão de contra-molde.



Karasch (2000) apontou o uso de símbolos cristãos pelos BaKongo na África Central como uma correspondência de cosmologias ancestrais e resistência. Segundo Fennell (2007: 51-54), evidências da história oral e elementos da cultura material demonstraram que o povo BaKongo manteve elementos que sobreviveram ao tráfico de escravos, como a presença da língua KiKongo, durante os séculos XVIII e XIX, enquanto a adoção do Cristianismo foi incorporada de maneira seletiva, realocando elementos primários da religião BaKongo, que incluíam um conceito de divindade suprema, chamado Nzambi Mpungu em KiKongo, criador de todas as coisas. A representação de tais ciclos em linhas cruzadas, forma de cruz representada de forma ereta ou inclinada, é geralmente composta no interior de um círculo, em que cada semicírculo representa quatro momentos do cosmos, utilizado como símbolo de identidade de grupo e ainda como instrumento ritual, executando performance de súplicas aos espíritos.

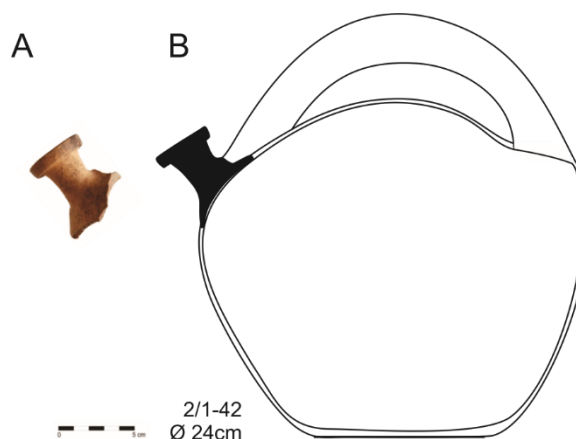
Segundo Lima *et al.* (2014), no contexto da Diáspora Africana analisada no Rio de Janeiro, no Cais do Valongo, o intenso uso de pedras, cristais e outros amuletos refletivos era comum entre os BaKongo, pois tais instrumentos permitiam “ver o outro mundo”. Os autores descrevem esses e uma série de materiais utilizados como capazes de tecer uma segunda pele, uma espécie de proteção produzida no contexto de escravidão. Nesse sentido, Souza (2013: 11-12) destacou o uso criativo e flexível de materiais na condição de cativo, onde, ainda que houvesse sérios desafios à vida dos indivíduos escravizados no Brasil, tais condições materiais impostas aos escravos eram ricas em estratégias e possibilidades.

No Brasil Central, Souza e Symanski (2009) apontaram o uso de impressão de contas de vidro aplicado à cerâmica em contexto de africanos escravizados na Chapada dos Guimarães, Mato Grosso. Decorse (1989) aponta que o uso de contas na África Ocidental ocorreu antes mesmo do contato com o europeu, devido ao comércio transaariano, com a presença desse material antes do século XV. Conforme o estudo de caso apresentado por Souza e Symanski (2009) na Chapada dos Guimarães, além da presença do cosmograma BaKongo, marcas de contramoldes de contas de vidro foram verificadas na cerâmica utilitária desse sítio. Entretanto, os autores destacam que no contexto de escravidão, certas práticas culturais se tornaram mais permissivas no cotidiano da colonialidade e que tais ocorrências não devem ser vistas como correspondentes a uma tradição unificada e sim como associadas a uma variedade de grupos étnicos (SOUZA & SYMANSKI, 2009: 535).

Outro elemento encontrado no Sítio Aldeia que contribui para evidenciar os fluxos no Brasil Colônia é a presença de um fragmento de cerâmica torneada, identificada como parte de um vasilhame conhecido como “*monkey jar*” (Figura 8). Heath (1999) descreve

que tais jarros cerâmicos possuem função de armazenamento de água, resfriando sua temperatura, e tem uso registrado até os dias atuais. Hauser (2011: 175) sugere possíveis usos para cozimento, armazenamento, transporte e consumo de água. No entanto sua descrição para a função de “*monkey jars*” é categorizada como desconhecida, pois tais cerâmicas foram citadas por um autor desconhecido como vasilhames para cozinhar pimenta (HAUSER, 2011).

Figura 8 - A) Fragmento de gargalo com quebra na região de corpo e inserção da alça; B) forma “*monkey jar*” reconstituída.



A ocorrência desse tipo de vasilhame é associada ao século XIX e comumente encontrada em contextos afro-americanos no Caribe, principalmente na Antígua, Barbuda, Barbados e Jamaica (HEATH, 1999; HAUSER & DECORSE, 2003, WILKIE & FARNSWORTH, 2005). Barbara Heath (1988) descreveu, em contexto colonial na Antígua, alguns tipos de utensílios, incluindo potes de água, “*monkey jars*”, jarros, potes de carvão, vasos de flores, pratos e “*yabbas*”. Hauser & DeCorse (2003: 171) apontam que o termo “*yabba*” é encontrado na Jamaica para referenciar diversos tipos de cerâmicas de produção local, entre variações de panelas, “*Spanish jars*” (jarros de alça dupla), “*monkey jars*” ou cerâmica utilitária. Hauser (2011: 171) destaca ainda que essas cerâmicas eram feitas e utilizadas por descendentes de africanos.

Nesse contexto, Wilkie e Farnsworth (2005: 310) destacam o papel simbólico que o vasilhame detém junto à “memória de ser iorubá”, citando o caso de uma mulher nascida na África que adquire esse jarro de forma a rememorar os jarros de água feitos de barro que sua mãe usara, e, dessa forma, para a neta daquela mulher, esse patrimônio pode acionar a etnicidade de sua avó. Hauser e Handler (2009: 10) apontam que na atualidade o mercado turístico tem se interessado por esses “vasos tradicionais”, como os “*monkey jars*”, potes de carvão e panelas. Hamblin e Callender (2013) abordam que coleções de objetos históricos podem conectar pessoas que estão geograficamente dispersas, principalmente no que refere aos indivíduos inseridos na Diáspora Africana, cujos bens culturais foram removidos de sua fonte original e se encontram dispersos, assim como seus grupos étnicos.

Hauser (2011: 181) discorre ainda sobre a influência de redes sociais para mobilidade de vasilhames cerâmicos (*yabbas*, *spanish jars*, “*monkey jars*”, e outros) que foram trocados, comprados, comercializados, consumidos e modificados em grandes distâncias na Jamaica. Nesse sentido, Hauser *et. al.* (2011: 19) reforçam a importância de ampliar o estudo sobre o contexto sem equalizar termos como *plantation* e escravidão com a história da colônia, ampliando o debate. Ademais, Goucher e Agorsah (2011: 153-155) apontam fuga de escravos (*maroon*) da Jamaica para o Suriname. Já Bryan (2000: 93)

aponta que a história colonial da Jamaica é ao mesmo tempo “universal e única” tendo em vista como globalização, suas relações com o Mundo Atlântico, a geopolítica do Caribe, o processo de emancipação e resistência de grupos para sua configuração contemporânea.

Sobre esses artefatos produzidos em contexto colonial, Galke (2009) faz uso da nomenclatura: *colonoware*. Contudo, a autora aponta que o uso do termo *colonoware* não indicaria elemento associado a um elemento vindo da África, mas a um contexto socioeconômico ligado à escravidão que, por vezes, as pessoas buscam se distanciar de lembrar (GALKE, 2009: 320). Symanski (2014: 181) destaca que o principal problema da abordagem intercultural sobre a *colonoware* subestima a importância da identidade dos produtores e usuários desses artefatos, sendo necessário, em primeiro lugar, informações contextuais para apurar o nível de interação entre africanos e afrodescendentes, ameríndios e euro-americanos, em vez de assumir-se, *a priori*, que tais interações teriam ocorrido.

Tim Ingold (2000) concebe que o processo de fazer coisas não implica apenas em impressão de um desenho conceitual prévio sobre um substrato de matéria-prima. Para o autor, a razão humana deve fornecer a forma para a substância na qual a coisa é realizada, e, assim, em última análise, o processo de “fazer coisas” deve ser encarado na realidade, não um processo de transcrição, mas de crescimento. Nesse incessante movimento de transformação nunca completa, a tessitura de emaranhados entre humanos e não humanos é contínua (INGOLD, 2011:141). Para Olsen (2010), a abordagem contextual e simétrica trata de romper o silêncio e a noção inerte das coisas, ou compreender a ontologia dos objetos. Nesse sentido, o argumento de Olsen é ampliar a noção sobre como as coisas são formadas e alteradas, levando em consideração a semiótica da materialidade.

Conforme destacou Escate (2015), no contexto de interações de (contra)mestiçagem, romper com o modelo de impressão de forma sobre matéria oportuniza a observação de centros de confluência de diferença para análise de igualdades na diferença. O pesquisador entende, segundo a perspectiva *ingoldiana*, que o pensamento relacional entre materiais e pensamentos no contexto colonial configura devires biosociais crescentes entre as formas de matéria utilizadas, e vice-versa. Edgeworth (2011), ao refletir sobre fluxos, aponta como a arqueologia de rios e cursos d’água é um campo negligenciado, ainda que seus fluxos ajam sobre humanos (e vice-versa). Assim, explorar tais emaranhados e outros tipos de fluxo de material podem transformar radicalmente a percepção das paisagens passadas, acrescentando outra dimensão à interpretação arqueológica.

Beudry e Parno (2013: 1) argumentam que para compreender o movimento no passado uma mudança de ontologias tradicionais na arqueologia é necessária para romper com a estática relação de objetos congelados no espaço (e geralmente despidos de pessoas) para novos caminhos orientados para contextos de mobilidade de objetos/pessoas. Além disso, Naum (2013: 171) destaca o papel das relações entre pessoas e objetos em movimento, em que a agência de objetos é acentuada por nostalgia. Por fim, Allen (2013: 44) reforça a importância da localizar e estudar materialidades e suas mobilidades no Brasil Colônia para assim fornecer uma base mais sólida para perguntas e interpretações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme aqui apresentado, a cultura material encontrada no Sítio Aldeia corrobora a presença negra na região do Baixo Amazonas bem como o fluxo de materiais no espaço colonial. Elementos como o cosmograma BaKongo, o uso de contas de vidro

para aplique de filete próximo à borda da cerâmica que deixou marcas de contra-molde, o vidro com a inscrição “Rio de Janeiro” e a forma de jarro conhecida como “*monkey jar*” revelam o fluxo de coisas no Brasil Colônia. Cabe ressaltar que tais evidências que remetem práticas advindas da África não apresentam por si mesmas um relato de grupos étnicos, mas de uma expressão étnica que no contexto colonial pode ter significado estratégias de resistência, permanência, novas alianças e fluxos de novos materiais. Optei aqui por manter a grafia sobre tal vasilhame sempre entre aspas devido à conotação pejorativa do termo. Assim como, transcritos do século XIX foram citados de forma direta ao expor a ferida colonial que ainda persiste em nossa sociedade.

As informações aqui expostas são reveladas a partir da análise da cerâmica histórica, somadas aos relatos de cronistas, jornais da época e bibliografia escravista, e evidenciam a presença negra, seus materiais e fluxos na região. Entretanto, cabe destacar que o contexto do Sítio Aldeia é majoritariamente indígena. Destarte, uma análise minuciosa da cultura material e do contexto pode situar a presença de africanos escravizados em Santarém, ainda que em pequena escala. Outras análises sobre fluxos de objetos e pessoas podem vir a aprofundar conhecimento sobre as zonas de interações sociais entre sítios históricos e comunidades locais no Baixo Amazonas, assim como em suas adjacências.

Outro tópico aqui exposto é a influência do Caribe para a região, de/para onde é conhecido comércio intra-americano de escravos africanos. Os africanos escravizados no Pará vieram principalmente da região Central e Oeste da África e desempenharam diversas funções além do extrativismo comum na Colônia, participando da construção de fortes, fortalezas, intendências entre outros. Tais informações são relevantes para pensar as relações na Amazônia Colonial para além do modelo de *plantation*. Com as fugas e criação de quilombos/mocambos na Amazônia, constata-se uma ampla rede de resistência colonial que abrigou não somente negros, mas também indígenas “amocambados”. Nesse contexto de resistência e miscigenação, surgem novas configurações de identidades amazônicas.

Além de romper o silêncio das coisas sobre a presença negra na Amazônia e contribuir para historiografia da escravidão na região, este trabalho objetivou abordar identidades marcadas por feridas coloniais. Desse modo, a contribuição aqui exposta visa reverberar na Amazônia Negra, promovendo novos olhares e reflexões para suas comunidades. Tais reflexões visam ainda abordar os modos de vida na Amazônia Colonial, desde os relatos de jornais oitocentistas à materialidade. De tal maneira, a complexidade de relações que a colonialidade tramou e como as pessoas e objetos se moveram em resistência são aqui apresentados ao leitor, convidando-o à reflexão sobre agências e novos materialismos no Baixo Amazonas.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001. Agradeço aos revisores anônimos pelas contribuições que aprimoraram o artigo. À professora Denise Gomes, por ter me incentivado e treinado olhar para as coisas com profundidade. Aos comentários de Diogo Menezes Costa e Lucas Antonio da Silva. Dedico este trabalho a todas as comunidades quilombolas e ribeirinhas da Amazônia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACEVEDO, Rosa; CASTRO, Edna. 1998. Negros do Trombetas: guardiães de matas e rios. *Belém: Cejup/UFPB-NAEA*.
- A VOZ DO AMAZONAS. 1842, 17 de Dez. Biblioteca Arthur Viana. Fundação Cultural do Estado do Pará.
- A VOZ DO AMAZONAS. 1843a, 01 de Jul. Biblioteca Arthur Viana. Fundação Cultural do Estado do Pará.
- A VOZ DO AMAZONAS. 1843b, 11 de Ago. Biblioteca Arthur Viana. Fundação Cultural do Estado do Pará.
- A VOZ DO AMAZONAS. 1843c, 09 de Set. Biblioteca Arthur Viana. Fundação Cultural do Estado do Pará.
- A VOZ DO AMAZONAS. 1843d, 25 de Nov. Biblioteca Arthur Viana. Fundação Cultural do Estado do Pará.
- A VOZ DO AMAZONAS. 1844, 17 de Fev. Biblioteca Arthur Viana. Fundação Cultural do Estado do Pará.
- ALLEN, Scott Joseph. 2013. The movement of people and things in the Capitania de Pernambuco: Challenges for archaeological interpretation. In: *Archaeologies of Mobility and Movement*. Springer, New York, NY. p. 31-46.
- ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PARÁ, 1860. *Processos judiciais*. Códices: BRPAPEP.JMSAN.AUJU.CX0001.P001.D001.0024-25.
- BATES, Henry Walter. 1863. *The naturalist on the River Amazons*.
- BEAUDRY, Mary C.; PARNO, Travis G. (Ed.). 2013. *Archaeologies of mobility and movement*. Springer Science & Business Media.
- BROWN, Charles Barrington; LIDSTONE, William. 1878. *Fifteen thousand miles on the Amazon and its tributaries*. E. Stanford.
- BRYAN, Patrick. 2000. Inside Out and Outside In: *Factors in the Creation of Contemporary Jamaica*. Grace Kennedy Foundation Lecture, Kingston, Jamaica.
- CHAMPNEY, James Wells. 1860. *Travels in the North of Brazil*. Acervo Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://www.bndigital.bn.gov.br//acervo-digital>.
- COSTA, Diogo Menezes. 2016. Arqueologia dos africanos escravos e livres na Amazônia. *Vestígios – Revista Latinoamericana de Arqueologia Histórica*. Vol. 10(1). Jan-Jun.
- COSTA, Diogo Menezes. 2017. Arqueologia Histórica Amazônida. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 1, p. 154-174.
- DECORSE, Christopher R. 1989. Beads as chronological indicators in West African archaeology: A reexamination. *Beads: Journal of the Society of Bead Researchers*, v. 1, n. 1, p. 41-53.
- EDGEWORTH, Matt. 2011. *Fluid pasts: archaeology of flow*. Bristol: Bristol Classical.
- ESCATE, Luis Reyes. 2015. *No Somos Cholas y Llevamos Polleras: Debates sobre las Construcciones de Identidad Tocañera, La Paz-Bolivia*. RAM.
- FENNELL, Christopher C. 2007. BaKongo identity and symbolic expression in the Americas. *Archaeology of Atlantic Africa and the African Diaspora*, Indiana University Press, Bloomington, p. 199-232.
- FRIAS, David Correia Sanches de. 1883. *Uma viagem ao Amazonas*. Typographia de Mattos Moreira & Cardosos.

- GALLOIS, Dominique Tilkin. 1994. *Mairi revisitada: a reintegracao de fortaleza de macapa na tradicao oral dos waiapi*. Tese.
- GALKE, Laura J., 2009. Colonowhen, colonowho, colonowhere, colonowhy: Exploring the meaning behind the use of colonoware ceramics in nineteenth-century Manassas, Virginia. *International Journal of Historical Archaeology*, 13(3), p.303.
- GOMES, Flávio dos Santos. 1997. *A hidra e os pântanos: quilombos e mocambos no Brasil (secs. XVII-XIX)*. Tese.
- GOMES, Flávio dos Santos; GLEDHILL, H. Sabrina. 2002. A " Safe Haven": Runway Slaves, Mocambos, and Borders in Colonial Amazonia, Brazil. *Hispanic American historical review*, v. 82, n. 3, p. 469-498.
- GOMES, Flávio; SCHWARCZ, Lilia. Amazônia escravista. 2018. In: GOMES, Flávio; SCHWARCZ, Lilia (org.) *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 tons críticos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GOUCHER, Candice; AGORSAH, Kofi. 2011. The Significance of Maroons in Jamaican Archaeology. In: *Out of Many, one People: The Historical Archaeology of Colonial Jamaica*. The University of Alabama Press. p. 14-160.
- HAMBLIM, Kerron.; CALLENDER, Allison. 2013 Are you connected? Building the museum experience. *ICOM News - The International Council of Museums Magazine*. Vol 66. n.3-4.
- HAUSER, Mark W. 2011. Locating Colonial Economies and Local Ceramics. In: *Out of Many, one People: The Historical Archaeology of Colonial Jamaica*. The University of Alabama Press. p. 163-182.
- HAUSER, Mark W.; DECORSE, Christopher R. 2003. Low-fired earthenwares in the African diaspora: problems and prospects. *International Journal of Historical Archaeology*, v. 7, n. 1, p. 67-98.
- HAUSER, Mark William; DELLE, James A.; ARMSTRONG, Douglas V. 2011. Introduction: Historical Archaeology in Jamaica. In: *Out of Many, one People: The Historical Archaeology of Colonial Jamaica*. The University of Alabama Press. p. 1-20.
- HAUSER, Mark W.; HANDLER, Jerome. 2009. Change in Small Scale Pottery Manufacture in Antigua, West Indies. *African Diaspora Archaeology Newsletter*, v. 12, n. 4, p. 1.
- HEATH, Barbara. 1988. *Afro-Caribbean Ware: A Study of Ethnicity of St. Eustatius*. Doctoral dissertation, Department of Anthropology, University of Pennsylvania, Philadelphia. University Microfilms International, Ann Arbor, MI.
- HEATH, Barbara. 1999. Yabbas, monkeys, jugs, and jars: A historical context for African Caribbean potters on St Eustatius. In Havasier, J. (ed.), *African Sites Archaeology in the Caribbean*, Ian Randle Publishers, Kingston, Jamaica.
- INGOLD, Tim. 2000. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. Routledge.
- INGOLD, Tim. 2011. *Being alive: Essays on movement, knowledge and description*. London: Routledge.
- INGOLD, Tim. 2012. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes antropológicos*, 18(37), pp.25-44.
- KARASCH, Mary C. 2000. A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850). In: *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*.
- LIMA, Tania Andrade; SOUZA, Marcos André Torres de; SENE, Glaucia Malerba. 2014. Weaving the Second Skin: Protection Against Evil Among the Valongo Slaves in Nineteenth-Century Rio de Janeiro. *Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage*, v. 3, n. 2, p. 103-136, 2014.
- MONARCHISTA SANTARENO. 1860, 15 de Set. Arquivo Público do Estado do Pará.

- MUNIZ, Tiago Silva Alves. GOMES, Denise Maria Cavalcante. 2017. Identidades Materializadas na Amazônia Colonial: a Cerâmica dos Séculos XVIII e XIX do Sítio Aldeia, Santarém, PA. *Vestígios – Revista Latinoamericana de Arqueologia Histórica*.
- NAUM, Magdalena. 2013. The malady of emigrants: Homesickness and longing in the colony of New Sweden (1638–1655). In: *Archaeologies of Mobility and Movement*. Springer, New York. p. 165-177.
- O BAIXO AMAZONAS. 1872a, 06 de Jul. Biblioteca Arthur Viana. Fundação Cultural do Estado do Pará.
- O BAIXO AMAZONAS. 1872b, 05 de Out. Biblioteca Arthur Viana. Fundação Cultural do Estado do Pará.
- O BAIXO AMAZONAS. 1872c, 17 de Jul. Biblioteca Arthur Viana. Fundação Cultural do Estado do Pará.
- O BAIXO AMAZONAS. 1872d, 14 de Set. Biblioteca Arthur Viana. Fundação Cultural do Estado do Pará.
- O BAIXO AMAZONAS. 1878, 12 de Out. Biblioteca Arthur Viana. Fundação Cultural do Estado do Pará.
- O BEIJA-FLOR. 1851, 19 de Jan. Biblioteca Arthur Viana. Fundação Cultural do Estado do Pará.
- OLSEN, B., 2010. *In defense of things: archaeology and the ontology of objects*. Rowman Altamira.
- QUEIROZ, Jonas Marçal de; GOMES, Flávio dos Santos. 2002. Amazônia, fronteiras e identidades: Reconfigurações coloniais e pós-coloniais (Guianas-séculos XVIII-XIX). *Lusotopie*, v. 9, n. 9, p. 25-49.
- SALLES, Vicente. 1971. *O negro no Pará sob o regime da escravidão*.
- SLAVE VOYAGES. 2019a. *Voyages - Trans-Atlantic Slave Trade Database*. Banco de dados: Estimativas. Viagens: O Banco de Dados do Tráfico de Escravos Transatlântico. Disponível em: <http://www.slavevoyages.org/estimates/pdUdpgwj> Acesso em maio de 2019.
- SLAVE VOYAGES. 2019b. *Trans-Atlantic Slave Trade Database*. Banco de dados. Viagens: O Banco de Dados do Tráfico de Escravos Transatlântico. Disponível em: <https://www.slavevoyages.org/voyage/database>. Acesso em maio de 2019.
- SOUZA, Marcos André Torres de; SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. 2009. Slave communities and pottery variability in Western Brazil: the plantations of Chapada dos Guimarães. *International Journal of Historical Archaeology*, v. 13, n. 4, p. 513-548.
- SOUZA, Marcos André Torres de. 2013. Por uma arqueologia da criatividade: Estratégias e significações da cultura material utilizada pelos escravos no Brasil. *Objetos da Escravidão: abordagens sobre a cultura material da escravidão e seu legado*, pp.11-36.
- SYMANSKI, Luis Cláudio Pereira & GOMES, Denise Maria Cavalcante. 2012. Mundos mesclados, espaços segregados: cultura material, mestiçagem e segmentação no sítio Aldeia, Santarém, PA. *Anais do Museu Paulista*, 20 (2) 53-90.
- SYMANSKI, Luis Cláudio Pereira & GOMES, Denise Maria Cavalcante. 2015. Material Culture, Mestizaje, and Social Segmentation in Santarém, Northern Brazil. *Archaeology of Culture Contact and Colonialism in Spanish and Portuguese America*. Springer International Publishing, 199-217. 2015.
- SYMANSKI, Luis Cláudio Pereira. 2014. A arqueologia da diáspora africana nos Estados Unidos e no Brasil: problemáticas e modelos. *Afro-Ásia*, (49), pp.159-198.
- TAVARES, Rufino Luis. 1876. *O rio Tapajoz: memoria onde se estuda semelhante tributario do Amazonas, não só como elemento de riqueza e uma das melhores vias de comunicação, como tambem porque todo o territorio que banha é o mais apropriado para o estabelecimento de colonias agricolas e industriaes*. Typographia Nacional.

- VERGOLINO-HENRY, Anaíza. FIGUEIREDO, A. 1990. A presença africana na Amazônia colonial: Uma notícia histórica. *Belém: Arquivo Público do Pará.*
- WILKIE, Laura A.; FARNSWORTH, Paul. 2005. *Sampling Many Pots: an archaeology of memory and tradition at a Bahamian plantation.* University Press of Florida, Gainesville.